A MEMÓRIA DA POPULAÇÃO ITALIANA A RESPEITO DA PARTICIPAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA CAMPANHA DA ITÁLIA, DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Rafael Roesler
Doutorando e Mestre em História; Bacharel em Administração; Bacharel em Cências Militares; Especialista em gestão e direito ambiental; Especialista em Gestão da Administração Pública e Docência do Ensino Superior. Atualmente é Chefe da Seção de Pesquisas da Academia Militar das Agulhas Negras

Bruno Leal Da Silva
É instrutor do Simulador de Apoio de Fogo da AMAN (SIMAF/AMAN); Licenciado em História pela UNIRIO; pós-graduado em Docência no Ensino Superior

RESUMO
O objetivo do presente trabalho é analisar como se deu a memória da população italiana a respeito da participação da Força Expedicionária Brasileira na campanha da Itália, durante a Segunda Guerra Mundial. O tema é de extrema relevância para o Exército Brasileiro e para a história militar, pois possibilitará que as gerações futuras possam apreciar como se deu a participação brasileira naquele conflito. A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial trouxe grandes desafios para o Exército Brasileiro. Os brasileiros que foram defender a democracia e lutar contra o Nazismo/Fascismo eram demasiadamente inexperientes em combate. Além da difícil adaptação ao terreno complicado e ao clima extremamente frio, os soldados tiveram que se adaptar ainda a novos armamentos, equipamentos e uniformes, além de nova doutrina de combate, tudo bem diferente daquilo que estavam acostumados a manusear no Brasil. Apesar de todas essas dificuldades, a FEB conseguiu conquistar expressivas vitórias e um importante marco desse período foi a atuação humana dos militares brasileiros junto à população italiana, que deixou marcas indeléveis naquele país. Assim, neste trabalho se pretende verificar como ocorreu essa interação entre os militares brasileiros e os civis italianos e qual é a memória dessa população que ainda recorda, valoriza e homenageia os mais de 25 mil brasileiros que lutaram para a libertação do seu país, com manifestações de apreço e orgulho superiores, até mesmo, às ocorridas no Brasil.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial; Força Expedicionária Brasileira; legado dos Pracinhas na Itália.

ABSTRACT

The objective of the present work is to analyze how the memory of the Italian population occurred regarding the participation of the Brazilian Expeditionary Force in the campaign of Italy during the Second World War. The theme is of extreme relevance to the Brazilian Army and military history, as it will enable future generations to appreciate how the Brazilian participation in that conflict took place. Brazil's entry into World War II brought great challenges for the Brazilian Army. The Brazilians who went to defend democracy and fight against Nazism / Fascism were too inexperienced in combat. Besides the difficult adaptation to the complicated terrain and the extremely cold climate, the soldiers had to adapt to new weapons, equipment and uniforms, as well as a new combat doctrine, all very different from what they were accustomed to handling in Brazil. Despite all these difficulties, the FEB managed to win significant victories and an important milestone of this period was the human performance of the Brazilian military with the Italian population, which left indelible marks in that country. Thus, in this work we intend to verify how this interaction occurred between the Brazilian military and the Italian civilians and what is the memory of this population that still remembers,

values and honors the more than 25 thousand Brazilians who fought for the liberation of their country, with manifestations of superior appreciation and pride, even those of Brazil.

Keywords: Second World War; Brazilian Expeditionary Force; legacy of the Pracinhas in Italy.

1 INTRODUÇÃO

Estudar a participação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Segunda Guerra Mundial é um privilégio para um apreciador da História Militar do Brasil, pois ela foi um marco para as Forças Armadas brasileiras, devido a diversos fatores: pela mudança da sua doutrina de combate, que passou da francesa para a americana; pela experiência de combate adquirida nos gélidos campos da Itália; pela projeção de poder do país para as demais nações do mundo, como o único país sul americano que entrou na guerra; pelo alinhamento político e econômico com os Estados Unidos da América; pelas transformações políticas ensejadas ao término da guerra, com o fim do Estado Novo; ou ainda, para o desenvolvimento econômico, político e social brasileiro, que se encontrava muito incipiente antes da guerra.

Sendo assim, o objetivo desse artigo é abordar a participação da Força Expedicionária Brasileira no Teatro de Operações[1] do Mediterrâneo, a partir de 16 de julho de 1944, quando do desembarque em solo italiano; até 08 de maio de 1945, Dia da Vitória dos Aliados no continente europeu, com foco na interação dos militares brasileiros com o povo italiano e a memória coletiva criada naquela população sobre os feitos e a solidariedade dos Pracinhas[2].

Campello traz em seu prólogo o detalhamento do início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, por conta da invasão do exército alemão na Polônia. Neste instante, a França e a Inglaterra se uniram e declararam guerra à Alemanha. O cenário mundial se dividiu então em dois grupos: os Aliados e o grupo do Eixo. Na composição dos aliados estavam a Inglaterra e a França, e, posteriormente, os Estados Unidos e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS); no Eixo, Alemanha, Itália e Japão. [3]

Siqueira afirma na sua pesquisa, que nesse cenário, após uma série de afundamentos de navios mercantes brasileiros por submarinos alemães, o Brasil declara guerra à Alemanha em 31 de agosto de 1942, entrando no combate ao lado dos Aliados e enviando para a Itália a Força Expedicionária Brasileira quase dois anos depois. [4]

Dos Santos alerta que a FEB, resumidamente, era uma massa heterogênea, formada de homens retirados, em sua maioria, da vida civil, os quais provinham dos mais diferentes pontos do Brasil, em geral, com baixo grau de escolaridade e cujo nível físico e psicológico era, no "máximo", satisfatório. A tropa brasileira nada mais era do que um reflexo não só das Forças Armadas nacionais, mas do país como um todo. [5]

Na concepção inicial da FEB, prossegue o autor, ela se constituiria de três divisões de infantaria, em torno de 60 mil homens no total. Contudo, diante de inúmeras dificuldades, como a de encontrar homens com 26 dentes na boca, por exemplo, o efetivo total chegou a cerca de 25 mil homens, constituindo a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE). Esta era formada de três regimentos de infantaria: o 6° Regimento de Infantaria (RI), primeiro a partir para a Itália, o 1° RI e o 11° RI, somando-se 15 mil combatentes, o restante (10 mil aproximadamente) era de recompletamento, isto é, do depósito de reforço. [6]

---

[1] Designação do ambiente operacional (local) onde ocorrem os conflitos armados.
[2] Nome popular como ficaram conhecidos os combatentes brasileiros da FEB.
[3] CAMPELLO, Ruy Leal. **Um capitão de Infantaria da FEB**. 1ª Ed. São Paulo: Bibliex, 1999.
[4] SIQUEIRA, Douglas Guimarães. **A participação brasileira na Campanha da Itália – preparação e combate**. TCC apresentado na Academia Militar das Agulhas Negras, em 2005.
[5] DOS SANTOS, Anderson. **O Brasil em guerra: a FEB na Itália.** Artigo publicado na IFSC. Santa Catarina: 2015.
[6] DOS SANTOS, Anderson. **O Brasil em guerra: a FEB na Itália.** Artigo publicado na IFSC. Santa Catarina: 2015.

Segundo apreciação de Thomas, verificou-se que a atuação da FEB, nos campos de batalha da Itália, deu-se em fases distintas: as operações do Destacamento FEB no vale do Rio Serchio (15 Set a 30 Out 44), as operações da FEB no vale do Rio Reno (06 Nov a 12 Dez 44), as operações na defensiva de inverno (13 Dez 44 a 18 Fev 45), a participação no Plano Encore (19 Fev a 07 Mar 45), as operações na ofensiva da primavera (09 Abr a 02 Mai 45) e a ocupação e pacificação do território italiano (03 Mai a 02 Jun 45). [7]

Para Rigoni, ao pisar em solo italiano, em junho de 1944, os militares da FEB se depararam com um país arrasado pela guerra, com suas cidades destruídas e a população carente de itens básicos de sobrevivência e entregue à própria sorte: "a população, sem governo e com costumes diferentes, passa a conviver com exércitos oriundos de países longínquos, numa situação inusitada para aquela gente que precisava de tudo". A esses militares recém-chegados cabia, portanto, além das missões de combate, administrar setores próximos ao front e lidar com esses problemas sociais, acarretando num estreitamento das relações entre os soldados brasileiros e a população civil italiana. [8]

Trespach salienta que os soldados brasileiros eram vistos pela população italiana, durante a guerra, de forma diferente dos demais soldados, seja pelo seu jeito descontraído no trato com a população; seja pelas festividades, cantorias e batuques nos momentos de descanso e lazer; mas, principalmente, por fazerem algo que nenhum outro soldado aliado fazia com eles: compartilhar o pouco da comida e dos doces das suas rações. Esses fatos são mostrados na obra dele, por meio de relatos de sobreviventes da guerra e de descendentes que ouviam essas histórias dos seus pais e avós. [9]

Corroborando essas abordagens, o jornalista Rubem Braga relata uma passagem que ratifica de maneira indelével o descrito acima:

> Todos os brasileiros eram bem recebidos na Itália. O que ajudava muito era a aproximação da língua latina, que resolvia muito as questões de camaradagem. Mas o que chamava mais a atenção era a generosidade daqueles que partiam em comboio, pois era comum jogarem dos caminhões caramelos, chocolates e cigarros para a população que acenava alegremente no caminho. [10]

Sendo assim, almeja-se, nas próximas páginas, desenvolver este estudo, desejando que as considerações feitas ajudem a compreender melhor a memória construída nos italianos sobre a atuação militar brasileira na guerra travada em seu país. Para isso, pretende-se encerrar o trabalho com uma conclusão daquilo que foi pesquisado e apresentado nos dois capítulos anteriores.

2 DESENVOLVIMENTO

O caminho percorrido na solução do problema de pesquisa levantado iniciou-se com a realização de pesquisas documentais e bibliográficas de reconhecidos valor histórico, bem como se realizaram pesquisas em repositórios da internet em busca de artigos, Trabalhos de Conclusão de Curso e Teses de Mestrado de maior relevância sobre a participação da Força Expedicionária Brasileira na campanha da Itália e sobre a memória coletiva criada na população italiana dessa interação com os brasileiros.

Para atingir o objetivo proposto, dividiu-se o desenvolvimento em duas partes: a primeira visa explorar como se deu a interação entre os Pracinhas brasileiros e o povo italiano; na segunda parte,

---

[7] THOMAS, Carlos Rocha. **Os ensinamentos da participação da FEB** (...). 32 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Rio de Janeiro, 2006.

[8] RIGONI, Carmem Lúcia. **"La Forza di Spedizione Brasiliana" (FEB) - Memória e História: marcos na monumentalística italiana.** Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal do Paraná. Paraná, 2003.

[9] TRESPACH, Rodrigo. **Histórias não (ou mal contadas) da Segunda Guerra Mundial.** São Paulo: HarperCollins, 2017.

[10] BRAGA, Rubem. **Crônicas de guerra.** (Com a FEB na Itália). Rio de Janeiro: Ed. do autor, 1964, p. 49.

abordar como essa atuação deixou marcas, materializadas nas diversas manifestações italianas (criação de monumentos, eventos cívicos etc.) de agradecimento e de júbilo aos soldados brasileiros, mesmo depois de transcorridos muitos anos do término da guerra na Europa.

.

2.1 A INTERAÇÃO DOS PRACINHAS COM A POPULAÇÃO ITALIANA

Este capítulo analisará como se deu o contato dos combatentes brasileiros e os civis afetados pelo horror da guerra, durante quase um ano de campanha militar nas cidades e montanhas setentrionais italianas. Assim, pretende-se responder nesta parte do trabalho, as seguintes perguntas: como foi essa relação entre os Pracinhas e a população italiana? O que ficou de legado e qual a memória coletiva criada na Itália sobre a participação da FEB na libertação da sua nação?

Com a liberação das primeiras cidades italianas, as juntas das comunas, que assumiram a responsabilidade da reorganização das cidades, enfrentaram momentos caóticos. Muitos povoados estavam completamente destruídos, primeiro pelos alemães em retirada, depois pelos bombardeios aliados. A reconstrução era uma emergência e deveria ser feita com o auxílio do novo exército de ocupação. A população, sem governo e com costumes diferentes, passa a conviver com exércitos oriundos de países longínquos, numa situação inusitada para aquela gente que precisava de tudo.

No período de setembro de 1944, as tropas alemãs que atuavam sobre a Linha Gótica encontraram dificuldades para alimentar seus soldados e tomaram de assalto o que encontraram pelo caminho. Neste momento, como nos mostra Waack, chegam os brasileiros e alguns setores próximos ao front foram colocados sob a administração da FEB, que passa a ter um contato direto com a população. [11]

Esse ambiente inumano gerado pelos conflitos armados, o temor diário da morte, as agruras causadas pelas intempéries do inverno rigoroso europeu, a distância do solo pátrio e dos seus entes queridos, e a cólera contra o seu oponente, são fatores que levam, muitas vezes, os combatentes a perderem o senso de justiça e a compaixão para com a população civil inserida naquele ambiente catastrófico.

Entretanto, apesar desse contexto funesto, Trespach nos mostra que foram pouquíssimos os relatos de abusos ou crimes cometidos pelos cerca de 25 mil soldados brasileiros enviados à guerra. Pela análise da pouca experiência deles em combate, do pouco tempo de treinamento e de convívio entre eles e do nível educacional dos cabos e soldados, os casos de transgressões disciplinares e abusos cometidos contra a população das aldeias e cidades italianas poderia ter sido significativamente maior. Esse autor cita dos crimes graves cometidos pelos soldados brasileiros na Itália "dois estupros, duas deserções e dois assassinatos de soldados inimigos capturados". [12]

Isso refletia na forma que os italianos viam e como eles identificavam os soldados brasileiros. Eles eram vistos pela população italiana, durante a guerra, de forma diferente dos demais soldados, seja pelo seu jeito descontraído no trato com a população; seja pelas festividades, cantorias e batuques nos momentos de descanso e lazer; mas, principalmente, por fazerem algo que nenhum outro soldado aliado fazia com eles: compartilhar o pouco da comida e dos doces das suas rações. A língua latina, o prazer pelas festividades e a religião cristã eram mais algumas características do combatente brasileiro que os aproximavam dos italianos. [13]

Corroborando essas abordagens, o jornalista Rubem Braga relata uma passagem que ratifica de maneira indelével o descrito acima:

---

[11] WAACK, Willian. ***As Duas Faces da Glória ─ a FEB vista pelos seus aliados e inimigos.*** *São Paulo*: Planeta, 1985.

[12] TRESPACH, Rodrigo. **Histórias não (ou mal contadas) da Segunda Guerra Mundial.** São Paulo: HarperCollins, 2017, pg 157.

[13] TRESPACH, Rodrigo. **Histórias não (ou mal contadas) da Segunda Guerra Mundial.** São Paulo: HarperCollins, 2017, pg 15.

> Todos os brasileiros eram bem recebidos na Itália. O que ajudava muito era a aproximação da língua latina, que resolvia muito as questões de camaradagem. Mas o que chamava mais a atenção era a generosidade daqueles que partiam em comboio, pois era comum jogarem dos caminhões caramelos, chocolates e cigarros para a população que acenava alegremente no caminho. [14]

Braga complementa, ainda, testemunhando que ao redor dos estacionamentos da tropa, juntavam-se pedintes, mulheres, homens e crianças, que sempre diziam a mesma coisa: "tudo destruído, tudo bombardeado, os alemães levaram tudo, não há nada para comer, temos de trabalhar muito (por favor)... Um cigarro, chocolate, caramelos, uma caixa de ração". [15] Fato descrito também por Rigoni "ao redor dos acampamentos, a cada dia aumentava o número de civis italianos pedintes por comida, água ou condução nas estradas", como se vê na figura abaixo. [16]

Famílias foram salvas da inanição e da morte por desidratação, graças aos apoios prestados pelas tropas brasileiras. Itens de cozinha, além de todos os tipos de comidas e doces, como já citados, eram ofertados às famílias que rodeavam os acampamentos e as estradas por onde a tropa brasileira passava. [17]

São inúmeros os depoimentos que fazem referência aos atos de solidariedade brasileira relativos à alimentação e aos cuidados de saúde dado aos italianos. Rigoni nos mostra o caso narrado, na cidade de Gaggio Montano (Bolonha), por Fábio Gualandi, um dos seus moradores, que tinha 15 anos de idade em 1944, quando da passagem do 11° Regimento de Infantaria próximo à sua residência:

> Os americanos chegaram em Gaggio Montano no dia 13 de outubro de 1944, era uma sexta feira. Na metade do mês de novembro chegaram os brasileiros. Procuravam um lugar para erguer o seu acampamento, ocupavam as casas vizinhas, as maiores. Faziam amizade facilmente e procuravam as senhoritas [...]. Na cozinha do acampamento se fazia um pouco de tudo: o mingau feito de leite em pó, o churrasco, que era feito com carne de boi ou de porco; arroz e feijão escuro (feijoada) [...], com ovo em pó, fazia-se uma espécie de omelete. Mas o que todos apreciavam mesmo era o pão crocante, que vinha da Toscana (Florença), o pão não era fabricado ali. Faziam também um creme doce e café... bastante café, que era colocado num grande recipiente. [...] Levavam para casa (os habitantes). Ali, comia uma centena de pessoas (companhia) [...]. Havia frutas, principalmente laranja. Quando os soldados terminavam, basicamente a população invadia o acampamento. Os refugiados não passaram fome dessa forma (...). [18]

Na narrativa da população italiana registrada aqui, percebe-se quanto foram importantes os atos de solidariedade, principalmente aqueles que dizem respeito aos alimentos que eram fornecidos aos desabrigados pelos regimentos da FEB. Essa é uma lembrança que realmente deixou marcas e constantemente é referendada nos testemunhos colhidos nas obras estudadas. Para uma população famélica, o socorro dado pelos soldados brasileiros foi verdadeiramente a grande oportunidade de sobrevivência de muitas famílias. São cenas inesquecíveis, imagens retiradas das sombras que o tempo não conseguiu apagar.

Como o vivenciado por um morador da cidade de Gaggio Montano, relato encontrado, novamente, no trabalho de Rigoni:

---

[14] BRAGA, Rubem. **Crônicas de guerra.** (Com a FEB na Itália). Rio de Janeiro: Ed. do autor, 1964, p. 82.

[15] BRAGA, Rubem. **Crônicas de guerra.** (Com a FEB na Itália). Rio de Janeiro: Ed. do autor, 1964, p. 85.

[16] RIGONI, Carmem Lúcia. **"La Forza di Spedizione Brasiliana" (FEB) - Memória e História: marcos na monumentalística italiana.** Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal do Paraná. Paraná, 2003.

[17] CAMPELLO, Ruy Leal. **Um capitão de Infantaria da FEB**. 1ª Ed. São Paulo: Bibliex, 1999.

[18] RIGONI, Carmem Lúcia. **"La Forza di Spedizione Brasiliana" (FEB) - Memória e História: marcos na monumentalística italiana.** Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal do Paraná. Paraná, 2003, pg 255.

> Adelfo, meu filho, estava muito doente e tinha 2 anos durante a guerra, quando a tropa brasileira esteve aqui havia um médico, não me recordo o nome... Adelfo tinha 2 anos, pois nasceu em 18 de abril de 1942. [...] Ele não podia respirar, eu estava só não sabia o que fazer. O médico (brasileiro) esteve em Firenze (Florença) e apareceu uma noite com o remédio. [...] Meu filho sarou, em dois dias não tinha mais nada. Aqui não havia nada, nem remédios, comida era uma miséria. Morávamos aqui nesta casa (antiga burgo medieval) mais ou menos umas 20 pessoas. Esse tenente médico foi para mim como um irmão, meu filho não estaria aqui [...]. Eu tenho sempre uma boa recordação dos brasileiros... Meu filho teria morrido... Quando digo que eram bravos (...). [19]

Em suma, a convivência entre os Pracinhas brasileiros e os civis italianos foi a melhor possível, baseada em um tratamento recíproco de camaradagem, solidariedade e altruísmo, que marcou e eternizou nos dois países uma relação de cooperação mútua e de respeito. Muitos desses contatos entre as *Ragazzas*[20] e os jovens Febianos ficaram sedimentados em um relacionamento pessoal de amizade e em inúmeros casos de amor, que culminaram em casamentos e na formação de famílias ítalo-brasileiras.

Por fim, pode-se inferir que essa interação marcou de forma indelével a população italiana, o que pode ser comprovada nas inúmeras manifestações públicas de agradecimento e de gratidão com os Pracinhas brasileiros, materializadas em monumentos, eventos cívicos e militares, desfiles no dia da Vitória e nos depoimentos daqueles que sofreram as agruras da guerra ou que são descendentes e cresceram ouvindo a história de seus pais e avós, e que serão apresentados no próximo tópico.

2.2 Os monumentos erguidos na Itália em homenagem à FEB

Foi nesse contexto de interação entre militares brasileiros e civis italianos que se construiu uma memória dessa população em relação à passagem da FEB pela Itália, que perdura até os dias atuais, passando de geração a geração, seja pelos testemunhos e relatos de sobreviventes da guerra, seja pelas centenas de monumentos construídos e diversas homenagens e comemorações.

A maioria desses monumentos foi construída nas localidades e regiões por onde a FEB lutou ou acampou. Nesses locais, a memória coletiva ficou mais arraigada e ainda bem viva naqueles que presenciaram a atuação da tropa brasileira ou nos seus descendentes, que cresceram ouvindo histórias de como os Pracinhas foram importantes para diminuir o sofrimento causado pelas tropas alemãs ou até mesmo responsáveis pela sobrevivência de inúmeras famílias italianas.

Os monumentos criados em solo italiano para homenagear os brasileiros só começaram a ser erguidos a partir da segunda metade da década de 1990, com exceção do monumento fúnebre de Pistóia (Figuras 1 e 2), transformado em cemitério para os soldados brasileiros mortos em combate. Somente em 1960 os restos mortais dos Pracinhas foram transladados de lá para o Brasil. [21]

---

[19] RIGONI, Carmem Lúcia. **"La Forza di Spedizione Brasiliana" (FEB) - Memória e História: marcos na monumentalística italiana.** Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal do Paraná. Paraná, 2003, pg 160.

[20] Como eram conhecidas as jovens italianas.

[21] RIGONI, Carmem Lúcia. **"La Forza di Spedizione Brasiliana" (FEB) - Memória e História: marcos na monumentalística italiana.** Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal do Paraná. Paraná, 2003, pg 56.

Figura 1: cemitério de Pistóia na Itália: inscrição em homenagem aos militares da FEB mortos em combate.



F**onte**: ELIAS, Alexsander Soares. Palestra 70 anos da FEB em solo italiano, 2015.

Figura 2: Atual Monumento Votivo, em Pistóia.



Fonte: site do Exército Brasileiro, 2018.

Esses monumentos trazem à tona as vitórias brasileiras nas campanhas e o jeito simples e a camaradagem dos soldados da FEB, fruto, em sua grande maioria, das recordações e depoimentos dos próprios italianos. [22]

Passando agora a identificar os monumentos construídos e as festividades realizadas pelos italianos em homenagem às tropas Expedicionárias Brasileiras, a autora apresenta os monumentos criados em Montese. O primeiro deles foi o Alla Libertá, identificado abaixo na figura 3, localizado no "Largo Brasiliano", que fica ao lado da estrada asfaltada que circunda a cidade. Esse monumento foi inaugurado pelos montesinos no dia 14 de abril de 1995, por ocasião dos festejos dos 50 anos da libertação da cidade. A escultura feita em pedra mede 1,50 m de altura por 1,80 m de largura e tem como suporte uma base retangular em mármore e uma pequena placa em bronze que apresenta a seguinte inscrição: "Uma eterna lembrança aos Soldados da força Expedicionária Brasileira pela libertação de Montese. Montese, 14 de abril de 1995". [23]

Figura 3: monumento Alla Libertá*,* em Montese.



Fonte: site do Exército Brasileiro, 2018.

O outro monumento de Montese, conforme mostra Dos Santos, trata-se da pedra esculpida denominada 'Max Wolff filho' (Figura 4), sargento da FEB pertencente ao 11° Regimento de Infantaria. Esse militar é lembrando tanto na Itália como no Brasil como um herói da Batalha de Montese, morto em combate por uma rajada de metralhadora alemã quando comandava uma patrulha de reconhecimento. [24]

---

[22] RIGONI, Carmem Lúcia. **"La Forza di Spedizione Brasiliana" (FEB) - Memória e História: marcos na monumentalística italiana.** Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal do Paraná. Paraná, 2003, pg 159.

[23] RIGONI, Carmem Lúcia. **"La Forza di Spedizione Brasiliana" (FEB) - Memória e História: marcos na monumentalística italiana.** Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal do Paraná. Paraná, 2003, pg 188.

[24] DOS SANTOS, Anderson. **O Brasil em guerra: a FEB na Itália.** Artigo publicado na IFSC. Santa Catarina: 2015.

Figura 4: monumento em homenagem ao Sgt Max Wolff Filho, em Montese.



Fonte: site do Exército Brasileiro, 2018.

Na cidade de Gaggio Montano, front brasileiro nos Apeninos, existem dois monumentos o Brasile e o Liberazione. O monumento Brasile (Figura 5), também chamado de "Ordem e Progresso" por causa da esfera em cima dele que representa o centro da bandeira brasileira, foi inaugurado em abril de 1995, em pedra chamada "pietraserena", trabalhada a martelo. Ele foi construído em homenagem aos Pracinhas mortos naquela cidade, onde ocorreram ferrenhos combates contra os alemães. O jornalista italiano Daniele Amicarella, durante a sua inauguração, afirmou "Finalmente um reconhecimento oficial, da parte de nossa gente da montanha, ao sacrifício de tantos soldados brasileiros que morreram na batalha de Monte Castello". [25]

Figura 5: Monumento Brasile, em Gaggio Montano.



Fonte: site do Exército Brasileiro, 2018.

[25] RIGONI, Carmem Lúcia. **"La Forza di Spedizione Brasiliana" (FEB) - Memória e História: marcos na monumentalística italiana.** Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal do Paraná. Paraná, 2003, pg 203.

Nessa mesma localidade, encontra-se o segundo monumento citado, o Liberazione (Figura 06), inaugurado em junho de 2001, com a presença de cem veteranos da Força Expedicionária Brasileira, o monumento recorda o heroísmo dos soldados brasileiros, que deixaram a vida, ainda jovens, para a conquista deste Monte Castello, o último baluarte de defesa da 232ª Divisão Alemã. No discurso feito na sua inauguração, fica evidente a gratidão aos combatentes brasileiros "Curvam-se os céus do território de Monte Castello, onde os Pracinhas venceram a épica batalha na Segunda Guerra Mundial" [26].

Figura 06: Monumento *Liberazione,* ao fundo o Monte Castello.



Fonte: site do Exército Brasileiro, 2018.

Na cidade de Vergato, uma pequena localidade na região dos Apeninos, um pequeno monumento, chamado de "Monumento Castelnuovo di Vergato", como se vê na figura 07, lembra um altar revestido de pedra, com 1,50 m de altura por 1,20 m de largura. Inaugurado em 1998, traz na sua parte frontal uma placa de bronze clara, contrastando com a parte acinzentada das pedras, gravadas com letras douradas com a seguinte mensagem: "05 de março de 1945. Muitos soldados do heroico Exército Brasileiro morreram aqui para liberar uma terra que não era a deles, o sacrifício dos mortos não pode e não deve ser esquecido". [27]

Esse fato é registrado em algumas historiografias brasileiras no episódio conhecido como "Os três heróis de Castelnuovo", quando o local foi conquistado pelos brasileiros, em março de 1945. Próximo ao cemitério foram encontradas três sepulturas de soldados brasileiros que haviam tombado em combate. [28]

Figura 07: Monumento Castelnuovo di Vergato.



[26] SIQUEIRA, Douglas Guimarães. **A participação brasileira na Campanha da Itália – preparação e combate**. TCC apresentado na Academia Militar das Agulhas Negras, em 2005, pg 52.

[27] RIGONI, Carmem Lúcia. **"La Forza di Spedizione Brasiliana" (FEB) - Memória e História: marcos na monumentalística italiana.** Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal do Paraná. Paraná, 2003, pg 218.

[28] DE MORAES, Mascarenhas. **Memórias do Marechal Mascarenhas de Moraes**. 2ª Ed. Brasil: Bibliex, 1984, pg 126.

Fonte: site Linea Gótica, 2018.

Ainda em Vergato, outro monumento faz uma homenagem aos "heroicos soldados brasileiros que caíram aqui pela liberdade de uma terra que não era a deles. O sacrifício dos caídos não pode e não deve ser esquecido" (Figura 08).

Figura 08: monumento em Castelnuovo di Vergato.



Fonte: site do Exército Brasileiro, 2018.

Segundo Rigoni, são cerca de 60 monumentos erguidos em homenagem à liberdade da nação italiana e aos homens e mulheres que lutaram por ela, tendo no dia 25 de abril de 1945, o marco histórico da derrota final das tropas nazifascistas no Teatro de Operações do Mediterrâneo. 29

Além desses monumentos erigidos e talhados em memória dos feitos e das ações altruístas dos Pracinhas brasileiros, as comunidades de diversas regiões da Itália vêm realizando, principalmente, após as comemorações dos 50 anos da libertação italiana, ocorrida em 1995, inúmeros eventos comemorativos em alusão a esse feito.

O portal da FEB apresenta uma das homenagens feitas pelos italianos, décadas depois do término da guerra, em 2004, pelos 60 anos da criação da FEB. Por iniciativa popular, o governo de Collecchio inaugurou um monumento em comemoração àquela data, como pode-se verificar na figura 09.

Figura 09: monumento em Collecchio.



Fonte: site do Exército Brasileiro, 2018.

[29] RIGONI, Carmem Lúcia. **"La Forza di Spedizione Brasiliana" (FEB) - Memória e História: marcos na monumentalística italiana.** Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal do Paraná. Paraná, 2003.

Cioni testemunhou as comemorações pelo "Dia do Mingau da Amizade", celebrado todos os anos na cidade italiana de Gaggio Montano. A data celebra o convívio entre os Pracinhas e as famílias italianas, tornando o mingau um dos principais símbolos da cordialidade dos brasileiros com as famílias italianas. [30]

Nessa festividade, a população cozinha uma mistura similar ao mingau e serve às pessoas, como forma de recordar o altruísmo brasileiro. Como se pôde ver no depoimento da italiana Cesarina Turrini, moradora de Montese:

> Não me esqueço dos brasileiros enquanto estiver viva. Ao longo dos quatro meses em que estive com eles, fui tratada como uma rainha. De manhã, eles preparavam um mingau doce. Os evacuados de Bolonha, Florença e Prato, que não tinham nada para comer, faziam fila na cozinha dos brasileiros para ter alguma coisa quente para matar a fome. [31]

Alexsander Soares Elias, capitão do Exército e professor de História da AMAN, foi um dos militares que percorreram o caminho trilhado pela FEB e participaram dos eventos em comemorações aos 70 anos da vitória da FEB em solo italiano, ocorridas em abril de 2015. Segundo ele, um desses eventos que mais marcou a sua passagem por aquele país, foi uma homenagem feita por crianças de uma escola primária da região de Montese aos heróis brasileiros que contribuíram para a libertação daquela nação (figura 10). [32]

Ainda de acordo com as suas palavras, foi "extremamente emocionante ver e ouvir aquelas crianças italianas tremulando a nossa Bandeira e cantando a Canção do Expedicionário em português". [33]

Abaixo, seguem algumas fotos dessa solenidade registradas pelos militares:

Figura 10: crianças cantam a Canção do Expedicionário



[30] CIONI, Marilia. **Documentário "Il filo Brasiliano"**. Itália: 2005.

[31] CIONI, Marilia. **Documentário "Il filo Brasiliano"**. Itália: 2005.

[32] ELIAS, Alexsander Soares. **70 anos da FEB em solo italiano**. Palestra apresentada na Academia Militar das Agulhas Negras. Resende: 2015.

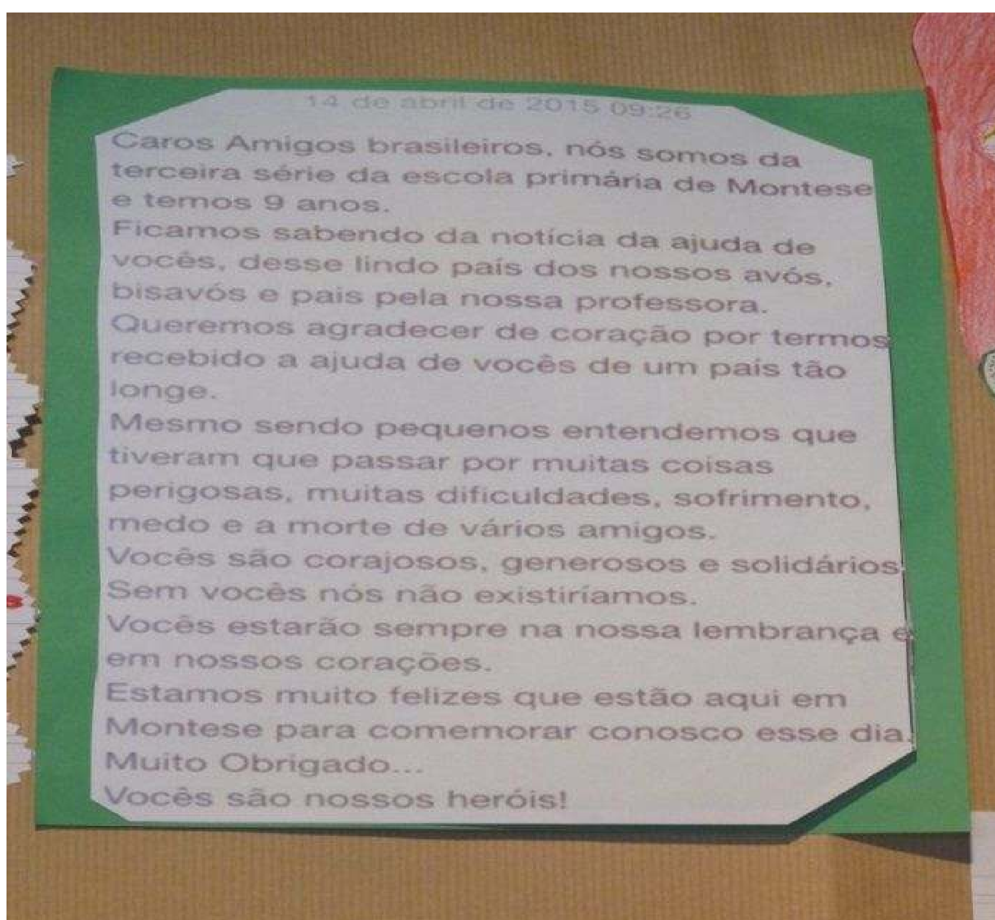
[33] Site *youtube*, no *link* https://www.youtube.com/results?search_query=crain%C3%A7as+italianas+cantam+feb.

Fonte: palestra 70 anos da FEB em solo italiano, 2015.

Outro momento que marcou a passagem desses oficiais do Exército Brasileiro nas comemorações dos 70 anos da libertação italiana foi o cartaz feito por alunos em um evento comemorativo organizado por uma escola da região de Montese. Nos dizeres, as crianças agradecem pela solidariedade, bravura e generosidade dos Pracinhas brasileiros ao salvarem o "lindo país dos nossos avós, bisavós e pais".

Abaixo, representado na figura 15, segue o registro fotográfico dessa ingênua e verdadeira demonstração de gratidão e apreço de pequenos cidadãos que aprenderam com seus pais, avós, bisavós e professores o quão difícil e sacrificante foi a missão dos combatentes brasileiros ao lutar a milhares de quilômetros de casa pelo fim da tirania, pela democracia e pela liberdade da nação italiana.

Figura 15: cartaz feito por crianças de uma escola primária de Montese.



Fonte: palestra 70 anos da FEB em solo italiano, 2015.

Isso exposto, conclui-se parcialmente, pela análise de diversas bibliografias analisadas nesse trabalho, que a construção dessa memória coletiva da população italiana sobre os Pracinhas brasileiros foi fruto de uma profícua interação entre eles, fundamentada, numa relação de respeito, solidariedade e extremo altruísmo dos soldados brasileiros. Essa memória dos italianos perdura até os dias atuais, com a ajuda de lugares da memória (monumentos, placas comemorativas, denominação de praças, logradouros públicos, dentre outros; com nomes de brasileiros ou das suas batalhas mais

marcantes), mesmo depois de percorridos mais de setenta anos da vitória final dos aliados nos campos da Itália.

3 CONCLUSÃO

A Segunda Guerra Mundial foi o maior conflito bélico da história e expôs em um lado das forças, governos ditatoriais de caráter ultranacionalista, Alemanha e Itália; e do outro uma aliança mais heterogêneas de dezenas de nações, com destaque para os governos democráticos dos Estados Unidos da América, do Reino Unido e da França, e os governos autoritários do Brasil e da então União Soviética. A par de ideologias de governos distintas e históricas rivalidades entre alguns desses países, eles se uniram em prol de combater o mal comum que ameaçava assolar o mundo em trevas: o Nazismo de Hitler e o Fascismo de Mussolini.

Nesse conflito sem precedentes, o Brasil enviou 25 mil combatentes para lutar ao lado dos Aliados na defesa dos valores da democracia e da liberdade. Jamais um país sul-americano havia enviado tropas para combater fora das Américas, e para o Brasil foi um esforço superior as suas possibilidades materiais e doutrinárias, superados, entretanto, pela capacidade de superação, adaptação e bravura dos Pracinhas.

O povo brasileiro, historicamente pacífico e naquela época parcialmente desinteressado dos problemas externos do país, era muito reticente quanto à sua entrada na guerra. Somam-se a isso, o fato de o Exército Brasileiro não entrar em combates desde a Guerra da Tríplice Aliança, ocorrida entre 1865 e 1870; por possuir uma doutrina antiquada, oriunda da Missão Militar Francesa de início da primeira década do século XX; e por possuir militares profissionais somente no seu efetivo de Quadros (oficiais e sargentos).

A tropa brasileira era extremamente inexperiente em combates e apresentou graves problemas de material, de logística no deslocamento dos militares à Itália, no treinamento e na adaptação aos materiais de emprego militar e à doutrina americana, como já sentenciados em capítulos anteriores. No entanto, a atuação da FEB foi bastante elogiada pelo seu desempenho nos combates e no comportamento dos seus militares durante o contato estabelecido com os italianos.

Outro prisma dessa tragédia e pouco registrado em trabalhos e livros foi o lado humano dos relacionamentos interpessoais entre os Pracinhas brasileiros e a sociedade italiana extremamente afetada pelas mazelas da guerra. Rigoni atesta com perfeição que a

> memória de guerra, registrada pelos personagens, carregou consigo lembranças relatadas nas histórias de vida que o tempo não apagou. São os laços identitários e de pertencimento, elos de uma conexão vigorosa na reconstrução da história. [34]

Como já apresentado no corpo do trabalho, em todos os acampamentos, era comum a presença de civis italianos, principalmente mulheres e crianças. Muitos foram alimentados pelos soldados brasileiros, e suas famílias não padeceram graças a esta ajuda. A miséria e a lamúria da população dos desabrigados eram tocantes e não passou despercebida pelo comando das tropas brasileiras, que em diversas oportunidades entregava às famílias apetrechos de cozinha e alimentos.

Momentos de sensibilidade e solidariedade eram comuns no trato dos militares brasileiros com a população ítala. Esse relacionamento era baseado num respeito mútuo e em laços de solidariedade, que eram reforçados por características comuns e bem próximas de ambas as culturas. Nesse ínterim, aponta-se alguns fatores de aproximação, como a língua latina, a religião católica e o jeito simples e descontraído de brasileiros e italianos.

Essa interação ficou marcada de forma indelével na alma e na cultura italianas. Passados mais de 70 anos do término da guerra, recordações familiares, relatos orais e escritos, monumentos e lugares da memória dão conta de relembrar e valorizar os feitos dos heroicos Pracinhas.

---

[34] RIGONI, Carmem Lúcia. **"La Forza di Spedizione Brasiliana" (FEB) - Memória e História: marcos na monumentalística italiana.** Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal do Paraná. Paraná, 2003.

Esses monumentos brasileiros construídos na Itália podem ser apreciados em Gaggio Montano, Móntese, Vergato e Pistóia e estão localizados estrategicamente onde os fatos aconteceram, nas regiões onde ocorreram as batalhas mais sangrentas da Segunda Guerra ou onde ficavam montados os acampamentos das tropas brasileiras, quase sempre rodeados de mulheres e crianças em busca de mantimentos, abrigo e ajuda de todas as formas.

Assim, os soldados da Força Expedicionária Brasileira ficaram marcados para sempre nas lembranças desses cidadãos e são vistos por eles como bons combatentes, solidários, festeiros e libertadores.

Além desses monumentos e lugares da memória construídos nas cidades por onde passou a FEB, são realizadas anualmente inúmeras manifestações e homenagens, que se fazem presente nas celebrações anuais das datas comemorativas pelos combates de Monte Castello, em 21 de fevereiro; Montese, em 14 de abril; e Castelnuovo, em 5 de março.

Outra importante celebração, presenciada por oficiais do Exército Brasileiro, por ocasião das comemorações dos 70 anos da participação da FEB na Segunda Guerra, foi o evento que contou com várias atividades em homenagem aos brasileiros: desfile cívico de crianças e adultos, canto da Canção da Força Expedicionária e apresentação de trabalhos escolares de alunos do Ensino Primário de um colégio de Montese.

Contudo, todos esses feitos e toda a epopeia vivida pelos combatentes brasileiros ainda são pouco conhecidos pelo meio acadêmico nacional. Devido não somente pelos mais de setenta anos do término da guerra, mas, também, à quase ausência de material visual, fotos ou filmes sobre a participação brasileira na libertação de outra nação distante e então desconhecida pelos cidadãos brasileiros.

Por fim, tomando-se por base a consulta à documentação selecionada, às fontes e aos livros indicados, acredita-se que foi possível realizar a pesquisa respondendo aos questionamentos que foram propostos, sendo imperioso afirmar que a memória construída no povo ítalo sobre a participação brasileira na guerra é a melhor possível, fruto de uma interação profícua e de inúmeros gestos e atos altruístas por parte dos soldados brasileiros.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Rubem. **Crônicas de guerra.** (Com a FEB na Itália). Rio de Janeiro: Ed. do autor, 1964, p. 49.

CAMPELLO, Ruy Leal. **Um capitão de Infantaria da FEB**. 1ª Ed. São Paulo: Bibliex, 1999.

CASARIN, Rodrigo. **Bomba brasileira levava a mensagem "A cobra está fumando": 7 curiosidades sobre a Segunda Guerra**. Disponível em https://paginacinco.blogosfera.uol.com.br/2017/05/24/bomba-brasileira-levava-a-mensagem-a-cobra-esta-fumando-7-curiosidades-sobre-a-segunda-guerra. Acesso em 18/09/2018.

CRIANÇAS italianas cantando a Canção do Expedicionário em Português. Produção: Isalete Leal. Itália, 2017. (5m02s). Disponível em https://www.youtube.com/results?search_query=crain%C3%A7as+italianas+cantam+feb. Acesso em 28/08/2018.

DA COSTA, Marcos Antônio Tavares. **Imagens e memórias: uma análise da participação da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial**. Artigo publicado na Revista CES. Juiz de Fora: 2012.

DA SILVA, Wagner Assis Minuzi. **A Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial (set 44/mar 45): uma análise das atuações dos graduados comandantes dos pequenos escalões.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Rio de Janeiro: 2007.

DE CASTRO, Magaly Caiado. **Bom dia, meus camaradas.** 1ª Ed. Goiás: Abril. 1998.

DE MORAES, Mascarenhas. **Memórias do Marechal Mascarenhas de Moraes**. 2ª Ed. Brasil: Bibliex, 1984.

DOS SANTOS, Anderson. **O Brasil em guerra: a FEB na Itália.** Artigo publicado na IFSC. Santa Catarina: 2015.

ELIAS, Alexsander Soares. **70 anos da FEB em solo italiano**. Palestra apresentada na Academia Militar das Agulhas Negras

ELIAS, Alexsander Soares. **70 anos da FEB em solo italiano**. Palestra apresentada na Academia Militar das Agulhas Negras.Resende: 2015.

RIGONI, Carmem Lúcia. **"La Forza di Spedizione Brasiliana" (FEB) - Memória e História: marcos na monumentalística italiana.** Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal do Paraná. Paraná, 2003.

SIQUEIRA, Douglas Guimarães. **A participação brasileira na Campanha da Itália – preparação e combate.** TCC apresentado na Academia Militar das Agulhas Negras, em 2005.

Site EXÉRCITO BRASILEIRO. **Os Monumentos e o Museu da Força Expedicionária Brasileira na Itália**. Disponível em http://www.eb.mil.br/os-monumentos-e-o-museu-da-forca-expedicionaria-brasileira-na-italia. Acesso em 21/09/2018.

Site FORÇA TERRESTRE, 2016. Disponível em https://www.forte.jor.br/2016/09/16/ha-72-anos-forca-expedicionaria-brasileira-realizava-seu-batismo-de-fogo/. Acesso em 06/08/2018.

Site LINEA GOTICA, 2012. Disponível em http://www.lineagotica.eu/News.aspx?id=129. Acesso em 19/09/2018.

Site PORTAL DA FEB. **A FEB na Itália: contato com a população**. Disponível em http://www.portalfeb.com.br/longa-jornada-com-a-feb-na-italia/. Acesso em 20/09/2018.

TOMAIM, Cássio dos Santos. **A FEB (re)vista nos filmes documentários: algumas considerações iniciais.** Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2006.

THOMAS, Carlos Rocha. **Os Ensinamentos da Participação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na II Guerra Mundial - A atuação da artilharia de campanha da 1ª DIE - um aprendizado**. 2006. 32 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares) – Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Rio de Janeiro, 2006.

TRESPACH, Rodrigo. **Histórias não (ou mal contadas) da Segunda Guerra Mundial.** São Paulo: HarperCollins, 2017.